



HETEROGENEIDADE DE CONHECIMENTOS SOBRE O SISTEMA DE ESCRITA: desafios na prática docente de um professor alfabetizador

Thauany Araújo de Albuquerque¹
Orientador(a): Leila Nascimento da Silva²

RESUMO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa-ação maior realizada no âmbito do PIBIC, durante os anos 2018/2019 e que objetiva provocar reflexões nos/com os professores sobre o processo de alfabetização dos alunos e a necessidade de um ensino ajustado. Nesse recorte, apresentamos parte dos dados iniciais que nos ajudaram a conhecer um pouco mais essa prática. Para tanto, foram realizadas observações durante quadro dias letivos, em uma turma de uma escola pública de Garanhuns, nos quais pudemos identificar alguns dos principais desafios enfrentados por uma professora alfabetizadora, em início de carreira, para lidar com a heterogeneidade de conhecimentos de seus alunos sobre a escrita. Os resultados iniciais nos levaram a perceber que lacunas em sua formação inicial, falta de experiência profissional e de interação com outros profissionais, além de impasses causados por projetos e programas impostos pela secretaria de educação do município, podem dificultar o cotidiano do professor e o atendimento às necessidades individuais dos alunos. Para construção deste trabalho, utilizamos como suporte teórico-metodológico, autores como Morais (2005; 2012), Cortesão (1999), Pimenta (2005), Pires (2001), Silva (2016), André (1995) e Tripp (2005).

Palavras-chave: Alfabetização. Heterogeneidade. Prática docente.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, do tipo Pesquisa-ação, realizada no âmbito do PIBIC³, com intuito de conhecer a prática de uma professora alfabetizadora e seus desafios mediante uma turma de conhecimentos heterogêneos acerca do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), para posteriormente, realizarmos ações com a docente para auxiliá-la a refletir sobre sua própria prática e em seguida planejar e utilizar diferentes estratégias de ensino. André (1995) e Tripp (2005) nos dão um embasamento teórico sobre os tipos de pesquisas realizadas. Enquanto Morais (2005; 2012) deixa-nos claro a concepção de Alfabetização utilizada neste trabalho.

Cortesão (1999), Pimenta (2005), Pires (2001) e Silva (2016) tratam sobre a heterogeneidade de conhecimento que pode ser concebida, em sala de aula, como “turma sem

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE, thau.araujo13@gmail.com.

² Professora Doutora da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE, leila.nascimento@ufape.edu.br.

³ Projeto de Iniciação Científica da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco – UFAPE.



uniformidade, composta por partes distintas, diferentes e variada” (SILVA, 2016, p. 25). Para nos respaldar sobre os saberes e os desafios da prática docente utilizamos Leite e Souza (1999), Silva (2019) e Tardiff (2002).

Durante a pesquisa, observamos que a estratégia de ensino mais utilizada pela docente para trabalhar com a heterogeneidade de conhecimentos referente ao SEA de seus alunos era o acompanhamento individual. Cotidianamente, a docente atendia as crianças individualmente, elas indo ao seu birô ou ela indo até cada um. Acreditamos que esta seja uma boa estratégia, porém defendemos a diversidade de estratégias para que todos os aprendizes possam progredir.

Compreendemos que existem diversos desafios na prática de um professor alfabetizador e tais desafios são tanto de ordem individuais como coletivos, pois estão relacionados às experiências e as vivências de cada docente no contexto escolar em que está inserido. No caso da professora participante desta pesquisa, identificamos que existiam algumas lacunas em sua formação inicial; também tinha pouco tempo de experiência na profissão e não costumava interagir com seus colegas de trabalho para conhecer as experiências vivenciadas por eles.

Além disto, as determinações externas (do município) para a execução do Programa Educar pra Valer e as exigências por resultados na leitura e escrita, principalmente leitura, das crianças eram um grande desafio na prática da professora, visto que ela não concordava com a concepção de alfabetização existente neste programa e tinha receio de não cumprir com as determinações.

No entanto, com a constante oportunidade de reflexão sobre a própria prática docente e, conseqüentemente, com o seu aperfeiçoamento, tais dificuldades podem ser superadas. E pesquisas acadêmicas, como esta, são de grande relevância para superação delas por meio não só de perspectivas teóricas, mas também de colaborações para que o próprio professor reflita sobre sua prática e modifique-a, compreendendo que existem diversas estratégias para auxiliá-lo no processo de alfabetização de seus alunos.

METODOLOGIA

Este trabalho refere-se a uma pesquisa do tipo Etnográfica (ANDRÉ, 1995) em que faz-se uso de técnicas, como observação participante, entrevistas e análise de documentos para coletar dados sobre um ambiente específico, objetivando a descoberta de novas formas de entendimento da realidade por um grupo através de seu cotidiano. Além disto, a “pesquisa



etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem”. (ANDRÉ, 1995, p. 25)

A pesquisa Etnográfica aqui apresentada é uma das etapas de uma Pesquisa-ação que é caracterizada por Tripp (2005, p. 447) como “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”. Este trabalho contempla a etapa que condiz com a inteiração acerca do ambiente pesquisado e a nomeamos de “Observações”

É válido ressaltar que existe uma grande relevância no processo de Observação, do estudo do tipo Etnográfico, pois para concretização da etapa seguinte da pesquisa, as “Intervenções”, foi necessário que compreendêssemos as dificuldades na prática da docente participante da pesquisa. Somente assim, poderíamos ajudá-la a repensar sua prática, planejar novas estratégias de ensino e intervir, junto a ela, no ambiente.

Para realização da pesquisa do tipo Etnográfica utilizamos como instrumentos de coleta de dados observações participantes, entrevistas e uma breve análise de documentos. Sobre tais técnicas, André (1995, p. 24) afirma:

A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes.

A pesquisa foi realizada em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, durante quatro dias, todos foram gravados, com autorização da docente, e posteriormente transcritos para uma melhor análise do cotidiano da turma. Durante todos os dias fizemos entrevistas com a professora no intuito de compreendermos alguns fenômenos que somente a observação não supria. Além de analisarmos alguns documentos ofertados pela docente, como os planos de aula e o cronograma do Projeto Educar pra Valer.

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante o percurso da História da Educação tivemos diversas concepções sobre o que seria Alfabetização, alfabetizar, em nosso país. Atualmente, autores como Morais (2012) tem perspectivas teóricas que contribuem para reelaboração das as concepções sobre o processo de alfabetização, propiciando conhecimentos sobre a distinção de código e sistema notacional, sobre as propriedades do SEA e a importância disto para o processo de alfabetização.



O autor supracitado aborda o processo de alfabetização na perspectiva de reconstrução interna das propriedades conceituais e convencionais do sistema de escrita em que o aprendiz tem uma função ativa na própria aprendizagem que é construída através da sua interação com a língua escrita e este processo é efetivado de maneira individual e gradual por cada alfabetizando.

Além disto, compreendemos o processo de alfabetização como um movimento de duas direções: uma envolvendo a apropriação da língua escrita que, por sua vez, é um sistema notacional (MORAIS, 2005) que contém diversas características conceituais que devem ser compreendidas internamente pelo aprendiz para que possa progredir em seus conhecimentos sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA); outra direção seria a do desenvolvimento das capacidades de práticas de leitura e escrita na sociedade (perspectiva do letramento).

No entanto, este processo de apropriação não ocorre de forma homogênea, pois cada aprendiz tem uma interação individual com a língua escrita e um ritmo próprio de aprendizagem. Por esta razão, é muito comum encontrarmos diversos níveis de conhecimento acerca do SEA em turmas no período de alfabetização. Concordamos com Pires (2001, p.35) quando afirma que “A heterogeneidade dos alunos que frequentam a escola tem-se revelado progressivamente mais evidente, sendo hoje difícil esquecê-la ou ignorá-la”.

A heterogeneidade de conhecimentos dentro de uma sala de aula não pode ser ignorada, o professor que acaba “aceitando a heterogeneidade como um facto, procura encontrar formas de lidar com ela e de a gerir” (PIRES, 2001, p. 36) Se os níveis de conhecimentos não são homogêneos, os métodos de ensino também não devem ser, o professor conhecendo as singularidades de seus alunos precisa planejar a melhor forma de gerir suas aulas para que todos avancem.

Todavia, práticas como esta ainda não são recorrentes nas salas de aula em nosso país, Silva (2016) afirma que:

Parecem predominar professores que continuam despreparados para lidar com esse fenômeno e práticas pedagógicas que continuam voltadas para atender aos alunos de forma homogeneizante, como se todos estivessem no mesmo nível ou padrão de conhecimento, como se fossem iguais. (p. 26)

Visto que as práticas dos docentes também são construídas com base em uma sequência de particularidades, como discute Tardiff (2002, p. 65) “um professor não possui habitualmente uma só e única “concepção” de sua prática, mas várias concepções que utiliza em sua prática, em função, ao mesmo tempo, de sua realidade cotidiana e biográfica e de suas necessidades, recursos e limitações.” Portanto, as dificuldades para lidar com a



heterogeneidade em sala de aula podem variar, ser mais ou menos intensas, a depender dos saberes da prática docente que são específicos a cada profissional.

De acordo com Tardiff (2002), saberes como os pessoais de cada professor, os da formação escolar (experiência como aluno), os da formação profissional para a docência (formação inicial, cursos, pós-graduações, socialização com outros profissionais), os provenientes dos instrumentos de trabalho (documentos oficiais, programas, livros didáticos) e os da própria experiência como docente, influenciam na prática docente do professor.

Programas que servem como parâmetros (ou determinam) o trabalho dos docentes; têm um grande peso em suas práticas. A cidade de Garanhuns aderiu ao Educar pra Valer, este é um programa da Associação Bem Comum⁴, em conjunto com a Fundação Lemann⁵ que, baseado nos resultados das práticas implementadas no município de Sobral (CE), tem por finalidade auxiliar os estados brasileiros por meio de cooperação técnica com palestras, oficinas e planejamentos para implementação de boas práticas pedagógicas e de gestão.

De acordo com Silva (2019), para que um município participe do Programa uma equipe especializada do Educar pra Valer junto ao prefeito da cidade, gestores escolares e professores realizam um plano de ação nas escolas. A princípio, com uma avaliação diagnóstica e com base nesses resultados a secretaria de educação junto à comunidade escolar planejam metas para melhora da aprendizagem dos alunos.

Posteriormente, todos os envolvidos na efetivação do Programa devem receber treinamentos antes de iniciá-lo. Ademais, em determinado período de tempo, os alunos são avaliados pela gestão para acompanhar os resultados do aprendizado. É válido ressaltar que o foco central do ensino deve ser nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, além disto, se as metas não forem alcançadas após três anos de associação ao programa a cidade não fará mais parte dele.

RESULTADO E DISCUSSÕES

⁴ Organização sem fins lucrativos criada em 2005 que tem por objetivo auxiliar no desenvolvimento integral dos indivíduos menos favorecidos financeiramente para assegurar a efetivação de seus Direitos Humanos, por meio de ferramentas educacionais. Disponível em: <<https://www.bemcomum.org.br/institucional/>> Acesso em: 04 Ago. 2020.

⁵ Organização familiar criada em 2002 que realiza projetos educacionais em todo o país com objetivo de proporcionar educação pública de qualidade, por meio da atuação junto aos governos. Disponível em: <<https://fundacaoemann.org.br/somos>> Acesso em: 04 Ago. 2020.



Lidar com a heterogeneidade de conhecimentos em sala de aula é um desafio para os docentes, afinal, diferentes níveis de conhecimento demandam diferentes intervenções. Durante a realização desta pesquisa notamos que a docente tinha uma rotina fixa que está resumida no quadro a seguir:

Nº da aula/data	Síntese das aulas
1º 23/09/2019	<ul style="list-style-type: none">- Professora corrige a atividade para casa do dia anterior sozinha no caderno de cada aluno e cola a atividade para casa do dia.- Explicação coletiva da atividade para casa do dia, “De olho nos animais”, nesta atividade as crianças devem observar a imagem de um zoológico e assinalar com um X as frases que correspondem à cena.- Professora escreve no quadro a atividade para classe do dia.- Atividade de Leitura na Sala de Leitura com metade da turma. (Esta atividade é de responsabilidade da professora da Sala de Leitura).- Leitura de treino com a metade que ficou em sala. Quando as crianças chegaram da sala de leitura fizeram a Leitura de Treino.- Atividade de classe: Parlenda: “Um, dois, feijão com arroz”. Leitura coletiva da Parlenda, a docente dá ênfase ao som da Letra “S” no meio e final das palavras.- Ditado individual com palavras que contenham a letra “S” no meio ou no final. Palavras do dia: Dois; Gosto, Festa, Escola e Mosca. A docente dita coletivamente e faz acompanhamento individual após ditar cada palavra.- Hora do conto. A professora disponibiliza livros literários para que as crianças, eles escolhem um e ficam com ele durante um tempo. A professora escolhe um dos livros e lê para elas, o do dia foi: “O Patinho Feio”.- Conversa sobre bullying após a leitura do livro.
2º 24/09/2019	<ul style="list-style-type: none">- Professora corrige a atividade para casa do dia anterior sozinha no caderno de cada aluno e cola a atividade para casa do dia.- Leitura de Treino- Fichas de atividades de Matemática, “Números Maiores e Menores”. Esta atividade foi realizada em duplas e as crianças utilizaram palitos de picolé para auxiliá-las. A professora fez atendimento a cada dupla, individualmente, em cada questão das atividades.- Professora escreve alguns problemas matemáticos no quadro para aqueles que já finalizaram a atividade “Números Maiores e Menores”.
3º 05/10/2019	<ul style="list-style-type: none">- Professora corrige a atividade para casa do dia anterior sozinha no caderno de cada aluno e cola a atividade para casa do dia.- Explicação coletiva da atividade para casa sobre a letra “Z”.- Leitura do livro “Vovó viaja e não sai de casa” de Silvia Orthof.- Produção, as crianças desenham a passagem do livro que mais gostaram. A professora deixa explícito que esta atividade valerá nota.- Leitura de treino.



	<ul style="list-style-type: none">- Ficha de atividade de interpretação de texto “O baú de brinquedos”. A professora explica e lê a atividade coletivamente, é feita uma leitura coletiva do texto, em seguida faz acompanhamento individual.- Professora explica coletivamente as características do gênero “Poema” (gênero textual trabalhado na atividade) e explica rapidamente a regra ortográfica do uso da letra “M” antes das letras “P e B”.
4º 07/10/2019	<ul style="list-style-type: none">- Professora cola a atividade para casa do dia nos cadernos das crianças. A atividade das crianças pré-silábicas era diferente das demais, continha todas as letras do alfabeto e quatro pequenas linhas ao lado de cada letra para que as crianças as copiassem.- Professora escreve no quadro a atividade para classe do dia.- Leitura de Treino. As crianças pré-silábicas foram fazê-la com a professora da Sala de Leitura.- Leitura coletiva do poema “A Foca”. A professora trabalha sobre as características do animal e fala sobre o gênero do texto, dando ênfase as rimas e as palavras que terminavam com a letra “Z”.- Ditado individual com palavras em que a última letra é “Z”. A professora trabalha o som desta letra no final das palavras e com base em alguns exemplos dos alunos diferencia as que acabam com “Z” e com “S”. Palavras do dia: Beatriz; Capuz; Arroz; Cuscuz e Rapaz.- Aula de Educação Física. A professora explica as regras do Jogo de “Queimado” e as crianças formam dois grupos e jogam.- Hora do Conto. A professora lê um Cordel, “Crianças Respondem: para menores de 18 anos” de Izaura de Melo Souza e Edriano Henrique. A professora faz rápidas perguntas sobre o gênero e começa a ler as adivinhações, as crianças vão respondendo a cada indagação.

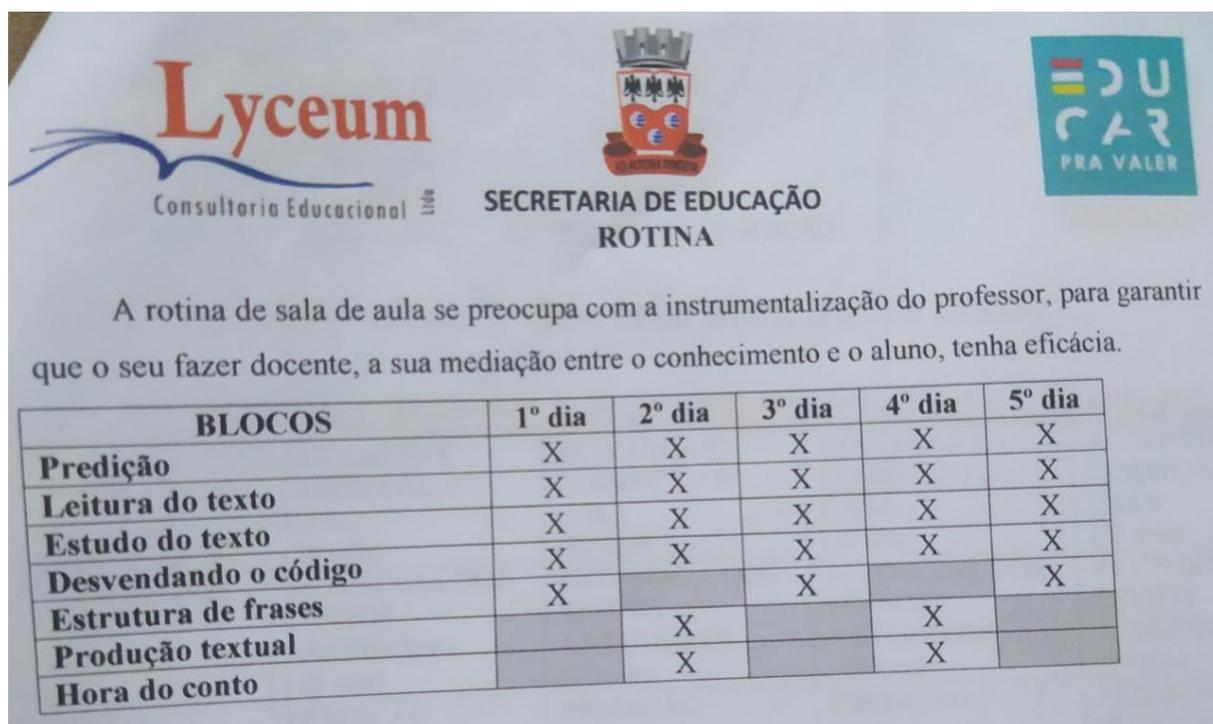
Ao iniciar a aula, a professora recolhia os cadernos das crianças e corrigia sozinha as atividades para casa do dia anterior, em seguida colava nos cadernos as atividades para casa do dia. Posteriormente, escrevia no quadro a atividade para classe e pedia para que as crianças a copiassem. Enquanto elas copiavam, a docente chamava uma por uma para “leitura de treino”, momento diário em que as crianças liam fichinhas com base em seus níveis, algumas continham as letras do alfabeto, outras palavras, algumas frases e outros textos. As fichinhas de cada aluno condiziam com o nível de conhecimento do SEA.

Este momento que a docente chamava de “tomar leitura” correspondia a maior parte da aula. Após finalizá-lo as crianças lanchavam e iam para o intervalo. Ao regressarem para sala de aula, a professora explicava coletivamente a atividade de classe que eles já haviam copiado e em seguida passava nas bancas de cada aluno, atendendo-os individualmente, durante a pesquisa essas atividades foram de Língua Portuguesa e Matemática.

Antes de finalizar a aula, existia um momento variável, a depender do dia da semana, a professora utilizava o tempo final da aula para fazer ditados, para a “Hora do Conto”

(momento em que as crianças tinham contato com livros literários e a docente escolhia um para ler) e também, segundo a docente, este momento poderia ser utilizado para aulas de Artes e Educação Física.

Notamos que em muitas vezes a prática da professora era definida por momentos instituídos pela Secretaria de Educação da cidade que junto ao Programa Educar pra Valer dispõe de uma rotina fixa pré-estabelecida que o docente deve seguir. Esta rotina está ilustrada na imagem a seguir:



Lyceum
Consultoria Educacional Ltda

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ROTINA**

A rotina de sala de aula se preocupa com a instrumentalização do professor, para garantir que o seu fazer docente, a sua mediação entre o conhecimento e o aluno, tenha eficácia.

BLOCOS	1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia
Predição	X	X	X	X	X
Leitura do texto	X	X	X	X	X
Estudo do texto	X	X	X	X	X
Desvendando o código	X	X	X	X	X
Estrutura de frases	X		X		X
Produção textual		X		X	
Hora do conto		X		X	

Analisando a rotina da turma e a prática da professora, percebemos que a estratégia didática mais utilizada por ela para lidar com a heterogeneidade de conhecimentos de seus alunos era o atendimento individual, assim, a professora poderia trabalhar com eles a partir de suas próprias dificuldades. Pires (2001, p. 38) ressalta a importância de momentos individuais “O trabalho individual, que pode ser mais guiado ou mais livre, é importante para o treino e a consolidação das aquisições.”

Porém, o autor supracitado defende a variação de intervenções, de estratégias, a junção de momentos coletivos e individuais para uma aprendizagem significativa e nós concordamos com esta concepção, pois com a diversidade de estratégias e a alternância entre intervenções coletivas, individuais e diferenciadas todos os alunos poderão avançar, cada um em seu nível de conhecimento, visto que “a diversificação é factor de sucesso” (PIRES, 2001, p. 37).



Porém, para que essa diversificação e, conseqüentemente, o sucesso (progresso na aprendizagem de todos os alunos) sejam alcançados em turmas heterogêneas, os docentes transpassam por alguns desafios que são individuais, dado que cada professor constrói a sua identidade e conseqüentemente sua prática com base em uma série de concepções e experiências próprias, como afirma Pimenta (2005, p. 19):

Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente em seu cotidiano, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor.

Concomitantemente, tais desafios passam a ser também de ordem coletiva devido à grande quantidade de profissionais com dificuldades semelhantes, é necessário que a rede de ensino busque alternativas, estratégias para superá-las. Visto que o professor não é (ou deveria ser) o único responsável pelo processo de ensino, a comunidade escolar é formada por outros sujeitos, incluindo, os responsáveis pelas redes de ensino.

A professora participante desta pesquisa formou-se no antigo Magistério, em 2009, posteriormente, em 2016, formou-se em Letras na Universidade Federal Rural de Pernambuco. No entanto, geralmente, cursos de Habilitação para o Magistério não tinha uma orientação muito consistente, além de serem desatualizadas e não trabalharem com alguns aspectos essenciais das concepções de alfabetização utilizadas atualmente (LEITE E SOUZA, 1995).

Além disto, no curso Superior de Letras desta universidade não há discussões sobre o processo de alfabetização, portanto, a formação inicial da docente tem déficits teóricos sobre a alfabetização. Isso faz com que, a docente tenha que recorrer a outras experiências para adquirir conhecimentos teóricos acerca do processo de alfabetização, como cursos de formação continuada e de pós-graduação (ela tem especialização na área de Educação Infantil e estava iniciando Mestrado na área de alfabetização), além da interação com colegas de profissão.

A interação com colegas poderia, não apenas ajudar na aquisição de conhecimentos teóricos, por meio de indicações, mas também na experiência de conhecimentos práticos da vida docente de outros profissionais. Tendo conhecimento de experiências que funcionaram bem ou não com turmas de outros professores, se poderia ter ideias para tentar com seus próprios alunos, além de estimular a reflexão sobre sua própria prática.



No decorrer da pesquisa, observamos que durante os intervalos a professora ficava sozinha na sala de aula e não ia para sala dos professores socializar com seus colegas. Este fator dificulta essa troca de experiências dos seus colegas, o que é relevante para a construção de sua própria experiência docente, afinal a interação entre os pares é de extrema relevância para aquisição de conhecimentos, Vygotsky (2010, p. 106) aponta que “o desenvolvimento é produto da interação de dois processos fundamentais”.

Além disto, a professora participante desta pesquisa tem pouco tempo de experiência na docência, iniciou sua carreira no ano de 2017, segundo Tardiff (2002) sua identidade docente ainda está em construção. Pimenta (2005) trata sobre a importância da experiência para a prática do professor, afirmando que existem dois tipos de saberes da experiência a que o professor tem como referência de quem já foi aluno e a que tem com base nas suas experiências enquanto docente, estas unidas aos conhecimentos obtidos nos cursos de formação fazem com que o professor reflita e aprimore sua própria prática.

Esses são alguns dos desafios que a nossa professora alfabetizadora enfrenta, porém além destes, a docente colaboradora da pesquisa (e todos os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da cidade de Garanhuns) ainda precisam lidar com uma rotina pré-estabelecida criada pelo Programa Educar pra Valer que prioriza a repetição e memorização como estratégia de alfabetização das crianças. Por esta razão, todos os dias ela “tomava leitura” de cada criança individualmente, o que ocupava maior parte da aula, mensalmente as crianças iam fazer “teste de fluência” com a gestora da escola para saber se haviam avançado.

Em entrevistas, a docente afirmou não concordar com a perspectiva de alfabetização compelida a utilizar, no entanto, tinha receio de não segui-la, pois estava em período probatório⁶. Os déficits em sua formação inicial, a pouca experiência recorrente de quem está em início de carreira, a falta de interação com os colegas de profissão, as imposições do Programa Educar pra Valer (interferem explicitamente em sua prática) são desafios que ela enfrentava enquanto professora alfabetizadora, porém a sua busca por refletir e modificar sua prática em benefício da aprendizagem de seus alunos é notória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem diversos desafios no percurso de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), ou seja, no processo de alfabetização, tanto para o aprendiz quanto para o professor. Lidar com a heterogeneidade de conhecimentos dos alunos acerca do SEA em período de

⁶ Período de 3 anos entre a nomeação e a aquisição da estabilidade.



alfabetização não é uma tarefa fácil para um professor alfabetizador, pois existem diversas adversidades que podem ser encontradas pelo caminho.

Desafios na prática docente como lacunas em sua própria formação inicial, falta de experiência profissional e interação com outros profissionais, além de impasses causados por projetos e programas, como o Educar pra Valer, dificultam o cotidiano do professor. No entanto, um professor que passa a ter consciência da heterogeneidade de conhecimentos dos seus alunos e das necessidades de constante adequação e readequação da sua prática torna-se um profissional que obtém sucesso, o que para um professor alfabetizador seria o progresso de seus alunos na aquisição do SEA.

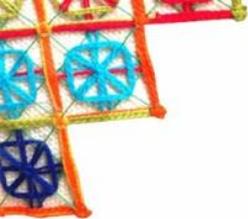
Concordamos com Silva (2016, p. 28) ao afirmar que “na verdade, o reconhecimento da heterogeneidade não implica necessariamente uma garantia da inclusão dos que têm sido excluídos sistematicamente do contexto escolar. É preciso mais do que esse reconhecimento, é preciso uma valorização da heterogeneidade.” Tem-se, de fato, pouca utilidade apenas o reconhecimento de que a heterogeneidade existe em sala de aula, é necessário que o docente reflita sobre sua própria prática com o objetivo de aprimorá-la em prol da aprendizagem de seus alunos.

A universidade, por meio de pesquisas, é uma grande aliada dos professores e pode colaborar na superação de alguns desses desafios. Promover, ao docente, possibilidades de reflexão sobre sua prática, oferecer-lhe perspectivas teóricas atuais e mostrar-lhe que existem diversas alternativas do “como” lidar com a heterogeneidade e “como” alfabetizar, destacando sempre que não há métodos corretos ou incorretos, mas sim métodos que têm mais ou menos possibilidades de funcionar com seus alunos, é de extrema relevância para que o professor aperfeiçoe sua prática e a universidade promove isto por meio de suas pesquisas.

Por fim, é válido ressaltar que a heterogeneidade está presente na vida social como um todo e deve ser valorizada também em sala de aula, afinal da heterogeneidade de uma turma pode-se obter grandes resultados com a interação entre os mais e menos avançados em conhecimento e com o estímulo do uso da escrita e leitura em práticas sociais cotidianas todos podem avançar e o objetivo do professor alfabetizador ser cumprido (CORTESÃO, 1999).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995. Disponível em: <<http://lab.cua.ufmt.br/lepega/file/2018/03/etnografia.pdf>>. Acesso em: 10 Ago. 2020.



Leite, S. A. SOUZA C. B. **A alfabetização nos cursos de habilitação para o magistério.** Cad. Pesq., São Paulo, n. 94, 1995.

MORAIS, Artur Gomes de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? In: Moraes, Artur Gomes. Albuquerque, Eliana Borges Correia de. Leal, Telma Ferraz. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 30 – 46.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 4. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

PIRES, Júlio. **Heterogeneidade e diferenciação.** Disponível em: <http://centrorecursos.movimentoscolamoderna.pt/em/rev/serie5/rev_em_12/2001_em12_jpires_heterogeneidadediferenciacao_pg35.pdf>. Acesso em: 30 Jul. 2020.

SILVA, J. C. A. **O programa “Educar pra Valer”, implicações no Processo de avaliação na cidade de Conde-PB.** João Pessoa, 2019.

SILVA; V. N. G. **Heterogeneidade de conhecimentos sobre o sistema de escrita alfabética:** estudo da prática docente. Recife, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional,** Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. et al VYGOTSKY, L. S. **Desenvolvimento intelectual na idade escolar.** 11. Ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 103 – 117.